

Turismo Cultural ou Conservação da Banalização?

José Aguiar | Arquitecto



um artigo de Brian McLaren, “De Tripoli a Gadames”, vi uma imagem lindíssima de uma dançarina árabe, num cenário com músicos ao fundo,

viajantes reclinados sorvendo cachimbos de água, e ela rodopiando exóticas danças orientais, perdendo os últimos dos véus. A cena passava-se no fim dos anos 30, no Café Árabe, em Suq-al-Mushir, Tripoli, Líbia. Tudo – todos os prazeres e aventuras – pareciam ali possíveis. Era imagem do tempo em que a grande viagem – de um turismo ainda verdadeiro – pressupunha percepções e representações reais e não tristes encenações, as simulações virtuais de experiências reais, oferecidas aos nosso contemporâneos consumidores de sensações, obcecados com rápidas, seguras e imediatas... gratificações!

Evoluímos depressa da proposta de descobertas e da surpresa de outras terras, para uma indústria de pretensas – encenadas – aventuras em parques temáticos, ou em parques aventura.

Hoje é possível esquiar na neve de um super condicionado pavilhão nos 40 graus à sombra do Dubai; usufruir de gôndolas em canais de Venezas falsas, passando por praças italianas da tanga, ou observar faraónicas pirâmides de vidro onde projectores de laser anunciam em publicidade garrafal os “Transformers”, em Las Vegas.

Na República Dominicana turistas europeus acorrem a uma (pretensa) vila medieval (SIC?), assim anunciada: “Em La Romana, fica a mais nova cidade medieval do mundo: Altos de Chavón!” Aí se deleitam em teatros gregos em ruína, igrejas românicas francesas com trattorias italianas ao lado. Foi ali filmado o *Apocalypse Now* e com sorte poderão cruzar-se com Júlio Iglesias. A data demasiado pós-medieval da chegada de Colombo, ocorre a poucos e só interessará a pikuihas (e o “q” é para intelectuais).

Os chineses, numa notável medida de poupança económica, construíram perto de Xangai uma vila Georgiana, a novíssima

Thames City, que atrai milhares de recém casados ansiosos por uma fotografia com fundo de vernissage europeia (poupando, diga-se, milhares de quilómetros e tanto combustível fóssil).

Poderíamos tentar responder a estas tristes evoluções se cultivássemos um discurso turístico-patrimonial mais atento, “autêntico” e cultural, centrado na salvaguarda do que é único e especial (o que é realmente identitário terá sempre futuro).

Na última semana, regressava de Sevilha com estas conjecturas e acabei por parar, cansado, em Mourão. Decidi visitar o seu mais importante património, a Adegas da Vila, ou “do Engenheiro” (felizmente pouco anunciada nos cartazes do nosso Turismo). Depois do cante bem temperado com uma soberba refeição, para gastar o excesso de açúcares, visito os monumentos da Vila.

Comecei pela Ermida dos Remédios... e começo a dizer mal da vida: estava fechada! E, não chegando as caixinhas da EDP a destruir as fachadas, agora tinha placards de acrílico duplicados com um excessivo painel de aço polido. Com verbas FEDER, a Região de Turismo de Évora informava-me, em três linhas, do valor da Ermida... e depois seguia-se um longuíssimo e desnecessário parágrafo (ocupando 80% da narrativa) e cito: «Na margem esquerda do Guadiana descansa a vila de Mourão; Ilha de Alqueva. No alto, o castelo e as muralhas guardam a antiga vila medieval e avistam Espanha e outras terras vizinhas. A proximidade com o rio, hoje lago, numa região quente e seca, é algo que se vive com intensidade e, aqui, não é excepção.» e a coisa seguia assim, nesse tom absurdo e inútil.

Mais à frente chego à Igreja de São Francisco, de novo fechada, mas com os mesmos painéis... depois das três linhas da ordem, repetia-se o mesmo parágrafo «Na margem esquerda do Guadiana descansa a vila de Mourão...». Xiça! Subo dali, fugindo apressado para o Castelo, e encontro também fechada a Igreja Matriz mas com o cartaz de acrílico duplicado pelo o aço que dizia: «Na margem esquerda do Guadiana....».

Enfim... estamos bem tramados! ■